

FORTALECENDO AS CIÊNCIAS

Antônio Carlos Batista de Souza
Michel Justamand

Esta edição nasceu, como tantas outras, do desafio de se observar, identificar, pesquisar e explicar a ciência. Nasceu do esforço de produzirmos conhecimento numa região de contrastes, curvas e cortes (orçamentários) onde os “senhores dos rios” e suas histórias plurais confrontam os centros hegemônicos a fim de invocar as tradições, os ritos e modos de vida. Nesta Amazônia de meandros e metáforas o viajante tem duas alternativas: navegar nas águas tranquilas de um caminho já percorrido, ou resistir ao sistema que muitas vezes mascara a realidade de muitos municípios esquecidos pelo poder público em relação à saúde, educação e geração de emprego.

Vivemos em um permanente confronto entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância, entre as configurações espaciais e as estruturas sociais. O artigo de Rozana Santos e Odenei Ribeiro analisa as primeiras intervenções do Estado Nacional na região amazônica durante o período 1964-1970, tecendo considerações a respeito de instrumentos que o governo autoritário utilizou de acordo com a lógica de integração nacional, segurança e desenvolvimento. Este estudo é, antes do mais, um convite à reflexão.

Em múltiplos e distintos contextos as tentativas de uma caracterização e singularidade universal da ciência fracassaram. A luz da razão e do pensamento contra “as trevas da ignorância” mostram-nos que à proporção que as teorias dizem algo sobre o mundo, elas devem ser aferidas. É dessa forma que caminhamos com o artigo de Rosa Patrícia Farias e Artemis Soares abordando a construção da imagem do gênero feminino da e na Amazônia, desde as primeiras descrições sobre a mulher amazônida entre os séculos XVI e XIX, destacando também as mulheres trabalhadoras da Zona Franca de Manaus, no século XX e as mulheres da etnia indígena venezuelana Warao, que hoje vivem, trabalham e lutam para sobreviver.

Até na mais fria das ciências, até na mais complexa das percepções metodológicas, há de se estabelecer uma rede de conversação, em busca de (novas)

bases teóricas que nos levem a compreender um novo tempo, contra uma modernidade saturada pelas leis do mercado, que determina o que somos, o que temos e não o que pensamos. Nesse espaço geoecológico, em primeira pessoa, o artigo de Rubens Cascapera Junior traz à tona as possíveis formas de reprodução e recepção legitimados através dos relatos e resultados desenvolvidos através da ressonância terapêutica.

Continuando a navegar pelas curvas dos rios da interdisciplinaridade, a fim de aprendermos que verdades absolutas se impõe e mascaram as tensões, somos estimulados a ler o artigo de Iracema Negreiros e Gláucio Matos para revermos os paradigmas pós-coloniais que instigam a questão de gênero e a cidadania feminina.

Pelas corredeiras da antropologia, em águas turbulentas, pinturas e traços desvelam as relações homoafetivas nas cenas rupestres no Parque Nacional da Serra da Capivara. Artigos dessa natureza, escritos por uma equipe multidisciplinar, ajudam a refundir os pilares do conhecimento, sendo necessária, como enfatizam os autores, a ampliação dos debates e interpretações em torno de tais cenas. No âmbito da realidade discernível o estudo em questão leva-nos a rever as práticas discursivas. Pesquisa tem seus entrelaçamentos e, na práxis investigativa, sem uma boa fundamentação, podemos nos perder nos métodos reducionistas, mecanicistas e cartesianos tal qual em uma floresta sem bússola.

De acordo com Antonio Souza, Artemis Soares e Ana Paula Silva, o mais recente fenômeno social brasileiro é caracterizado por pessoas que desistiram de procurar trabalho, agravado pelo desinteresse nos estudos. São jovens entre 18 e 25 anos que não se sentem atraídos pela escola, que nem estudam e nem trabalham, presos em barreiras socioculturais relacionadas à pobreza e ao gênero. A condição “nem-nem” é estrutural e descamba para uma pobreza pervasiva. Currículo de mais e conhecimento adquirido de menos são a fórmula de um saber desconectado com o século XXI que fortalece a alienação, perpetua a pobreza dos trabalhadores do campo e da cidade, corrompe, inebria e elide, perante o manto eufemístico do sistema vigente.

Nosso desejo explícito é que as obras resultantes aqui expostas sejam um ponto de partida, e nunca de chegada, fertilizando reciprocamente a realidade em movimento.